

# ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPORTÂNCIA, COMPROMISSO E DESAFIOS POSTOS<sup>1</sup>

Géverton João Rockenbach<sup>2</sup>  
Rosângela Hanel Dias<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como principal objetivo a busca pela compreensão do papel e da importância que a Educação Infantil tem no processo de alfabetização da criança. Primeiramente, serão apresentados alguns conceitos e problematizações presentes nesta primeira etapa da Educação Básica, por meio de uma sistematização de conhecimentos e estudos sobre o tema. Utilizando tais conhecimentos como suportes balizadores e orientadores do presente estudo, será elencada uma série de práticas alfabetizadoras congruentes com as escolas da infância. Práticas que respeitam as características da etapa, bem como, a criança como um sujeito ativo, capaz e de direitos, tornando notória a importância e o real papel das escolas de Educação Infantil neste processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil. Alfabetização. Práticas Alfabetizadoras.

## Introdução

Com o passar dos anos a Educação Infantil foi palco de significativos avanços. Ela conquistou seu espaço na educação e suas práticas pedagógicas foram se aprimorando pelo viés de estudos, pesquisas e políticas públicas, buscando conquistar o que tanto se almeja: uma educação de qualidade que valorize a criança em todas as suas potencialidades e especificidades, garantindo a ela uma educação integral, respeitando-a como um sujeito ativo, de direitos e participativo em seu próprio processo de aprendizagem.

Contudo, diante todos esses avanços, percebe-se, ainda, que grande parte das escolas, contemplam algumas situações e práticas pedagógicas que não condizem com aquilo que realmente se espera nesta primeira etapa da Educação Básica.

Partindo desta perspectiva, um aspecto que merece destaque e que deve ser intensivamente discutido pelos profissionais da educação, refere-se ao papel da Educação Infantil no processo de alfabetização da criança, uma vez que a leitura e a escrita fazem parte do nosso cotidiano e são patrimônios culturais que devem ser disponibilizados a todos, inclusive às crianças. Deste modo, fica evidente que o dia a dia das escolas deve proporcionar práticas alfabetizadoras e vivências significativas que integrem, desde cedo, a criança com a cultura escrita<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado para a conclusão do Curso de Pedagogia, Campus Carazinho da Universidade de Passo Fundo.

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de graduação de Pedagogia na Universidade de Passo Fundo – Campus Carazinho.

<sup>3</sup> Professora da Faculdade de Educação, da Universidade de Passo Fundo, e orientadora deste artigo.

<sup>4</sup> Define-se cultura escrita como o lugar – simbólico e material – que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade. Cabe ressaltar que ao pensar em cultura escrita, nos deparamos com um

Quando falamos em alfabetização e Educação Infantil, percebemos as diferentes polêmicas que surgem. Entre os que defendem a alfabetização inicial, há contrárias posições, e entre os que são contra também as opiniões divergem. Em meio a tudo isso, o professor, premido por concepções e ideias conflitantes, muitas vezes, acaba propondo em sala de aula, práticas e atividades pedagógicas equivocadas que não conseguem dar conta da complexidade do trabalho pedagógico nesta primeira etapa da Educação Básica no que se refere à aquisição da língua escrita, acarretando assim, em um ensino com sua eficácia, reduzida.

Com o intuito de evidenciar o papel, a importância e o compromisso da Educação Infantil com o processo de alfabetização da criança, a presente pesquisa teve como metodologia o uso da pesquisa bibliográfica, para que, fosse possível aprofundar e construir conhecimentos com base nos autores estudados, realizando uma sistematização dos mesmos. Ribeiro apresenta a ideia de que:

Desprezar o valor da pesquisa bibliográfica é um erro que não pode ser cometido por nenhum pesquisador. O motivo é ligeiramente simples: a ciência logra resultados de pesquisas feitas por outros pesquisadores, ou seja, o saber científico é um saber cumulativo. [...] este tipo de pesquisa pode contribuir para alimentar a produção de conhecimento científico, deve, então, ser considerada como um meio interessante sobre o qual toda ciência se edifica, um meio que permite a elucidação dos procedimentos que fundamentam a difícil jornada de se produzir conhecimentos que mereçam o rótulo de científicos. (2012, s/p)

Nesse sentido, utilizar a pesquisa bibliográfica nos possibilita um enriquecimento concreto e válido do conhecimento, ou seja, com ela, é possível coletar informações e conhecimentos comprovados cientificamente.

O presente artigo sistematizará alguns conhecimentos já produzidos e evidenciados por autores e pesquisadores da área, significando, primeiramente, o conceito de alfabetização, bem como sua relação com a Educação Infantil, visando a análise crítica de ideias e práticas equivocadas em sala de aula. Por fim, serão apresentadas algumas práticas pedagógicas alfabetizadoras coerentes, eficazes e que respeitem a criança em sua individualidade, subjetividade e especificidade, tornando notória a relação e a importância da Educação Infantil com a alfabetização.

## **1. Educação Infantil: a primeira etapa da Educação Básica.**

---

conceito que não é homogêneo. Diante disso, vários autores têm, nos últimos anos, optado em utilizar a expressão “culturas escritas” (CHARTIER,2002), ou “culturas do escrito” (GALVÃO, 2010).

De alguns anos para cá, o campo educacional como um todo passou por diversos momentos de transformações de ideias, concepções e práticas pedagógicas, em função das pesquisas e do conhecimento construído ao longo dos anos, transgredindo e quebrando as barreiras de um ensino tradicional marcado por incoerências e equívocos pedagógicos.

Pesquisas no campo da alfabetização desencadearam uma revolução conceitual, uma mudança de paradigma. Já evoluímos muito, contudo, infelizmente ainda se fazem fortemente presentes nas escolas práticas tradicionais e concepções equivocadas, que fazem com que a ação pedagógica fique comprometida, principalmente no que se refere ao papel, compromisso e contribuição da Educação Infantil no processo de alfabetização da criança.

Defronte de todo este cenário de constantes evoluções, cabe enfatizar os avanços que a Educação Infantil teve em seu contexto de modo geral. São vários os conceitos que fazem parte desta etapa e que implicam diretamente na prática pedagógica do docente. Precisamos compreender alguns deles que se destacam neste âmbito e que permeiam todo o trabalho dos profissionais nestas instituições. Para isso, partimos primeiramente para o conceito de Educação Infantil, que segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil (DNCEI), esta é a

[...] primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (2010, p. 12)

Além disso, temos que observar o que os documentos nacionais dizem em relação à criança, pois a prática dentro da escola sempre se dá de acordo com a concepção de criança que se têm. Com isso, podemos observar que, tanto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), quanto nas Diretrizes Curriculares Nacionais Para Educação Infantil (DCNEI) nos mostram que a criança é um: “sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (2010, p. 12).

Desta forma, não podemos mais ver a criança com um sujeito passivo, que não possui e que não é capaz de produzir e assimilar conhecimentos como se fosse um sujeito sem uma

bagagem de saberes, ou como uma tábula rasa, mas sim, devemos considerá-la como um sujeito ativo, capaz de assimilar conhecimentos e produzir seu aprendizado, respeitando todas as suas especificidades. Deve ser vista como alguém que possui cultura, características subjetivas e uma identidade pessoal que deve ser considerada e valorizada, sendo também reconhecida e respeitada pelos órgãos públicos e pela sociedade em geral.

Considerando estes conceitos e transformações presentes, infelizmente um dos grandes problemas e equívocos que percebemos nas práticas pedagógicas desta etapa e que merece ser destacado, refere-se às práticas alfabetizadoras presentes nas turmas da Educação Infantil.

Diante todos os estudos e conceitos já evidenciados por pesquisadores e estudiosos da área, como por exemplo Emília Ferreiro e Ana Teberosky<sup>5</sup>, ainda existe uma grande incompreensão sobre o papel da Educação Infantil e suas contribuições no processo de alfabetização da criança, aspectos estes, que fazem com que alguns professores proporcionem práticas e vivências pedagógicas que não considerem os objetivos e propósitos desta etapa da educação, ocasionando, assim, uma relação, muitas vezes, equivocada entre a Educação Infantil e a alfabetização.

Como podemos ver com este fragmento de um importante documento sobre formação de professoras da Educação Infantil<sup>6</sup> publicado pelo Site Blog do Pensar a Educação,

Ao tratar do aprendizado da leitura e da escrita, pesquisas acadêmicas têm constatado, em propostas curriculares de algumas redes de ensino, bem como em práticas pedagógicas, uma certa desconsideração ou desconhecimento acerca das características das crianças que vivem a sua primeira infância. Em muitas instituições de Educação Infantil, observa-se a preponderância de práticas pedagógicas instrucionais, descontextualizadas, centradas em conteúdos pré-estabelecidos, exercícios inadequados até mesmo quando realizados com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Na ausência de uma formação que assegure conhecimentos sobre linguagem, leitura e escrita e que dialogue com diferentes campos teóricos, que reconheça e valorize as especificidades das crianças de 0 a 6 anos, que considere as interações e a brincadeira como eixos das práticas pedagógicas, muitas professoras buscam referências em modelos pré-estabelecidos ou naqueles amplamente difundidos por meio de blogs, grupos de whatsapp, sites, apostilas e livros didáticos. Predominam, nessas mídias, modelos de alfabetos a serem fixados nas paredes, “lebrancinhas” para a primeira semana, desenhos para decoração das salas, folhas de exercícios e ainda atividades referenciadas em datas comemorativas. Modelos padronizados, estereotipados, marcados pela ausência de autenticidade, de criatividade e que, na sua preparação e no seu uso, prescindem de qualquer participação e autoria das crianças. Frequentemente, necessitando de um

---

<sup>5</sup> Emília Ferreiro, pesquisadora argentina estudiosa do processo de aquisição da linguagem escrita pela criança. Publicou, junto com a espanhola Ana Teberosky, o estudo que ficou conhecido aqui no Brasil como *Psicogênese da Língua Escrita* (1985). Ana Teberosky é pesquisadora e docente do Departamento de Psicologia Evolutiva e da Educação da Universidade de Barcelona.

<sup>6</sup> Documento sobre formação de professoras da Educação Infantil, produzido e divulgado pelo Projeto Leitura e Escrita na Educação Infantil realizado pelos seus coordenadores, membros da UFMG, UNIRIO e UFRJ, em 2016.

suporte teórico que lhes subsidie na construção de uma proposta pedagógica criativa e participativa, as professoras se esmeram na produção desses materiais e na aplicação de exercícios de oralização diária de letras e sílabas; preenchimento de linhas com uma mesma letra; destaque de letras iniciais ou finais de palavras; cópias de letras isoladas; análises fonológicas de palavras; traçados de letras; cópias de nomes; memorização das vogais, seguida das consoantes, dos encontros vocálicos, das sílabas, até chegar a pequenas palavras e textos. Em suma, predominam práticas que submetem as crianças a atividades repetitivas, diárias ou quase diárias, com lápis e papel, alheias à riqueza da língua e à capacidade das crianças de interagir com a linguagem e por meio dela. A literatura, tão próxima das culturas infantis, está ausente do cotidiano das instituições ou é empregada como estratégia para transmissão de conteúdos escolares. A sempre proclamada ludicidade, muitas vezes, reduz-se ao uso de jogos, brincadeiras e/ou brinquedos estruturados para transmissão de conteúdos escolares. Transvestida de “renovação pedagógica”, por utilizar joguinhos, canções, desenhos, essa prática, na verdade, revela uma pedagogia transmissiva, que nega o lugar das crianças como sujeitos capazes de construir sentidos e de participar de maneira ativa do seu próprio desenvolvimento. (2016)

Diante tais afirmações e desafios postos, fica evidente que precisamos alavancar ainda mais a forma de pensar a contribuição e o papel da Educação Infantil neste processo, pois ela é uma etapa única que deve ser vivenciada pelas crianças não de forma mecânica, mas sim, de forma significativa, lúdica e prazerosa.

Assim sendo, nos resta refletir sobre quais conhecimentos e concepções orientam as práticas pedagógicas nesta etapa de ensino, bem como, quais conhecimentos e conceitos devem ser compreendidos para o entendimento sobre o papel e as contribuições das escolas de Educação Infantil neste processo.

## **2. O conceito de Alfabetização e sua relação com a Educação Infantil**

É consenso nas sociedades contemporâneas que ler e escrever constituem um patrimônio cultural que deve ser disponibilizado a todos. Considerando, portanto, que a cultura letrada faz parte do nosso cotidiano, compreende-se que a leitura e a escrita também interessam às crianças, incluindo as menores de seis anos.

Nos deparamos em muitos momentos, com alguns professores que, muitas vezes, acabam propondo em sala de aula, práticas e atividades pedagógicas equivocadas que não conseguem dar conta da complexidade do trabalho pedagógico nesta primeira etapa da Educação Básica, acarretando em um ensino com sua eficácia reduzida.

Diversos pesquisadores em seus estudos, como por exemplo Emília Ferreiro e Ana Teberosky, mostraram que as crianças pequenas pensam no texto escrito muito antes do que

imaginamos, pois já trazem consigo uma bagagem de saberes e conhecimentos adquiridos em suas experiências e vivências do dia a dia.

Ainda, Segundo Ferreiro (2013), às crianças não possuem o hábito de pedirem permissão para começar a aprender sobre a leitura e escrita, pois iniciam este processo naturalmente partindo de suas vivências, curiosidades e interesses. Torna-se assim, pertinente, que a linguagem escrita seja trabalhada nas instituições infantis de modo significativo, exercendo funções sociais relevantes para elas, de maneira indissociada de outras formas de expressão, linguagens e comunicação de que elas precisam para significar e representar o mundo, aprendê-lo, produzi-lo, expressá-lo e torná-lo visível para o outro.

De acordo com Junior, “seria ingênuo acreditar que a criança começa a vivenciar aos 6 anos o sistema de escrita como se fosse um objeto estranho; e o fato de não ler como nós o fazemos, não significa que não tenha atividade de leitura e nem curiosidade sobre o sistema” (2010, p. 53).

Para compreender o papel da Educação Infantil neste processo, emerge o dever do professor em se apropriar de conhecimentos sobre a área, compreendendo seus principais conceitos, para que estes saberes possam orientar suas práticas pedagógicas em sala de aula e fora dela. Percebe-se, então, que é de suma importância o trabalho com práticas alfabetizadoras nesta etapa de ensino na medida em que as próprias crianças mostram curiosidade em torno do escrito e levantam hipóteses acerca dos seus significados, dos seus usos e das suas funções.

Um dos principais conceitos que podemos destacar diante tais reflexões, é o conceito de alfabetização. De acordo com o GEPALFA<sup>7</sup>:

A alfabetização designa o processo pedagógico em que sujeitos são instados a pensar sobre a linguagem verbal, em especial, sobre a linguagem escrita, através de um trabalho sistemático de desvendamento e de tomada de consciência da organização do sistema alfabético de escrita, seus elementos e suas propriedades, e da ampliação de seus usos na/pela cultura letrada. Diante dessa compreensão torna-se possível referir-se à alfabetização na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de Adultos. (s/p)

---

<sup>7</sup>Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Alfabetização – GEPALFA, investiga processos implicados na aprendizagem da linguagem verbal, em suas distintas modalidades, circunstanciados pelas condições de acesso à cultura escrita, pelas condições de aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças, jovens e adultos que frequentam escolas de Educação Básica. Desenvolve projetos de pesquisa de abordagem quantitativa e qualitativa, tendo em vista elaborar um diagnóstico acerca do contexto em que ocorrem os processos de alfabetização, recompor e propor metodologias de ensino que garantam àqueles sujeitos o uso autônomo e competente da linguagem verbal. Aborda, ainda, como desdobramentos da temática central, problemas relacionados à formação de professores, à organização da escola, à metodologia de ensino e à didática da língua. Congrega projetos de pesquisa vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado (FAED/UPF).

Considerando a complexidade e significado do conceito acima exposto, não podemos tomar como surpresa quando Ferreiro (2006) afirma que a alfabetização vai muito além dos anos iniciais da escolarização. Esta ideia de que o processo de alfabetização tem uma continuidade, automaticamente nos remete a sequência de um processo que não se inicia somente no ingresso da criança na escola, bem como, não se encerra nos primeiros anos do ensino fundamental, nem na graduação, mas sim, ela ocorre todos os dias durante toda a nossa vida.

Além disso, tal conceito nos mostra que a alfabetização não pode ser compreendida como algo mecânico, onde prevaleçam somente e exclusivamente letras e números, e a decodificação dos mesmos, pois ela é um processo amplo, que abrange muito mais aspectos além da simples codificação e decodificação do código escrito, posto que “a escrita, no curso de sua evolução, constitui-se como uma forma de manifestação da língua, organizada em um sistema de representação convencional e que se utiliza de recursos gráficos para se materializar” (DICKEL, 2016, p.39).

Conceber assim a alfabetização, implica diretamente na distribuição do trabalho com as habilidades de leitura e escrita e de práticas alfabetizadoras ao longo da vida das pessoas, tornando possível então compreender alfabetização de modo amplo e contínuo, não sendo responsabilidade somente de alguns professores (dos professores alfabetizadores), mas de todos os envolvidos no processo de aprendizagem da criança.

Na Educação Infantil, não se pode perder de vista os eixos que orientam as propostas pedagógicas: as interações e a brincadeira. É no contexto das interações, vivências e interlocuções, nos espaços ricos, instigadores e lúdicos das brincadeiras, nos jogos de linguagem, das cantigas e dos poemas, das histórias, dos relatos e do diálogo que as culturas do escrito vão sendo vivenciadas pelas crianças.

Partindo deste entendimento, precisamos compreender que “o cerne do debate não está em como ensinar as crianças da Educação Infantil a ler e a escrever, mas sim em buscar um modelo pedagógico em que a multiplicidade de linguagens e de formas de expressão subjetivas e sociais possa ter seu lugar reconhecido” (FARIA, 2014, p. 7).

De acordo com Galvão,

É necessário lembrar que o objetivo da Educação Infantil não é a alfabetização stricto sensu. Embora crianças da pré-escola possam se alfabetizar por interesse particular a partir das interações e da brincadeira com a linguagem escrita, não cabe à pré-escola ter a alfabetização da turma como proposta. Na Educação Infantil,

muito mais importante do que, por exemplo, ensinar as letras do alfabeto é familiarizar as crianças, desde bebês, com práticas sociais em que a leitura e a escrita estejam presentes exercendo funções diversas nas interações sociais; é dar-lhes oportunidade de perceberem lógicas da escrita tais como sua estrutura peculiar (não se fala como se escreve), sua estabilidade (as palavras não mudam quando a professora lê uma história) e os múltiplos papéis que desempenha nas sociedades contemporâneas (utilitário e estético). (2016, p. 26)

Essa clareza do papel e importância da Educação Infantil neste processo, permite que o educador explore o máximo possível as diversas manifestações, interesses e possibilidades de aproximação das crianças à cultura escrita, respeitando suas diferentes linguagens e formas de representação. Porém, percebe-se que, em muitos momentos, alguns equívocos em sala de aula são cometidos, muitas vezes, na tentativa que os docentes possuem em preparar o aluno para a alfabetização ou para os anos iniciais do Ensino Fundamental, realizando atividades que supervalorizam a linguagem escrita (letras e seu traçado), deixando de valorizar as outras linguagens e representações que a criança possui e faz, ocasionando lacunas em seu aprendizado.

É notável, em muitos momentos, que as atividades que, em geral são utilizadas para ensinar a escrever, são mecânicas e descontextualizadas. Valoriza-se em algumas práticas pedagógicas, somente o ensino do traçado da escrita (ensino mecânico da escrita), com isso, configura que diante toda a complexidade da escrita, se procurou uma forma de tornar este processo mais simples, mas de acordo com Mello:

O problema é que, ao tornar o processo mais simples buscado ensinar primeiro as letras para então chegar aos processos de comunicação e expressão, se perdeu de vista a função social da escrita, ou seja, o fim mesmo para o qual a escrita foi criada. Os exercícios da de escrita, que, de modo geral, preenchem boa parte do tempo das crianças nos últimos anos da educação infantil e no início do ensino fundamental, são, em geral, tarefas de treino de escrita de letras, sílabas e palavras que não constituem a atividade expressão. De modo geral, insiste-se no reconhecimento das letras – com as quais a criança não lê nada. Esse trabalho com letras e sílabas dificulta a percepção pela criança de que escrita é um instrumento cultural. Escrever, em lugar de expressar uma informação, uma emoção ou um desejo de comunicação, toma para a criança o sentido de atividade que se faz na escola para atender à exigência do professor. Da mesma forma ocorre com a leitura. E esse sentido marca a relação que a criança vai estabelecer com a escrita no futuro: Ao enfatizar o aspecto técnico começando pelo reconhecimento das letras e gastando um período longo numa atividade que não expressa informação, ideia, ou desejo pessoal de comunicação ou expressão, a escola acaba por ensinar à criança que escrever é desenhar as letras, quando, de fato, escrever é registrar e expressar informações, ideias e sentimentos. (2014, p. 26)



Surge aqui, então, o desafio da Educação Infantil, que é de se desconstruir e de se desprender das práticas pedagógicas tradicionais e equivocadas, abrindo espaço para as atividades, vivências e práticas alfabetizadoras que, de fato, promovam um verdadeiro aprendizado, construindo, assim, as bases necessárias para o desenvolvimento da criança. Em prova disso:

Aí está o desafio da Educação Infantil, que não é o de ensinar letras, mas o de construir as bases para que as crianças possam desenvolver-se como pessoas plenas e de direito, assim, participar criticamente da cultura escrita, convivendo com essa organização discursiva, experimentar, de diferentes formas, os modos de pensar típicos do escrito. Antecipar o ensino das letras, em vez de trazer o debate da cultura escrita no cotidiano, é inverter o processo e aumentar a diferença. (FARIA, 2014, p.14)

Nos deparamos com um cenário educacional, muitas vezes, bem próximo de nós onde boa parte dos docentes da Educação Infantil proporcionam às crianças diversos, se não muitos, momentos de “aprendizagem da escrita”, ou seja, muitas salas de aula estão completamente “contaminadas” com o ensino tradicional e equivocado das letras e números. Refiro-me ao “ambiente contaminado”, quando as práticas pedagógicas em sala de aula têm como principal objetivo o treino das letras e números, esquecendo-se de valorizar as outras linguagens da criança, pois:

O conjunto de tarefas do treino da escrita, típico dos processos iniciais de apresentação de escrita para a criança na escola de educação infantil e ensino fundamental – felizmente há exceções -, faz com que a criança passe longos períodos sem se expressar na escola: não há tempo para as formas pelas quais ela poderia expressar-se – a fala, o desenho, a pintura, a dança, o faz de conta... que formam, aliás, as bases necessárias para a aquisição da escrita -, uma vez que ela está ocupada com o treino da escrita, e pela escrita ela não pode expressar-se ainda, porque está ainda aprendendo as letras. Sem exercitar a expressão, o escrever fica cada vez mais mecânico, pois, sem ter o que dizer, a criança não tem o que escrever. (MELLO, 2014, p.27)

Sendo assim, a Educação Infantil não deve trabalhar somente com o treino da escrita (letras e números), mas deve explorar as linguagens da criança como um todo, valorizando suas potencialidades e especificidades. Surge então o nosso principal questionamento: Quais as práticas pedagógicas devem estar presentes e quais as contribuições da Educação Infantil no processo de alfabetização?

### **3. Práticas alfabetizadoras nas escolas da infância: um caminho a seguir.**

Na Educação Infantil, é importante garantir que as crianças vivenciem situações diversificadas e eficazes de contato com a escrita, sem praticar os exercícios estéreis e mecânicos que, muitas vezes, dominam grande parte do tempo das práticas pedagógicas na sala de aula, desta forma, conforme Mello,

[...]“ensinamos a traçar as letras e a formar as palavras com elas, mas não ensinamos a linguagem escrita”. Queria dizer, com isso, que, na forma como em geral apresentamos a escrita para a criança, o ensino do mecanismo prevalece sobre a utilização racional funcional e social da escrita. (2014, p.22)

Buscando novas alternativas pedagógicas que cabem à Educação Infantil no processo de alfabetização, a brincadeira aparece em lugar de destaque. É brincando, vivenciando e experimentando que as crianças vão construindo seu conhecimento. A brincadeira é uma prática fundamental que deva acontecer na Educação Infantil e que contribui de forma eficaz com o processo de alfabetização da criança.

A brincadeira livre, o diálogo e o faz de conta assumem um papel muito importante no processo de alfabetização, pois é através destes aspectos que a criança imagina, cria, fantasia, faz relações com o mundo, dialoga e troca experiências consigo mesma e com seus pares. De acordo com Horn:

O brincar, na infância, favorece a construção de sua personalidade. Se o desejo for educar crianças autônomas, capazes de organizar brincadeiras criativas e espontâneas, que não questionem, constantemente, “quantos passos posso dar”, dever-se-á ter presente a ideia de que o brincar é construtor de novas aprendizagens e de interações muito significativas, principalmente na infância, uma etapa tão importante de seu desenvolvimento. (2014, p. 11)

Como podemos perceber, em muitas das escolas brasileiras, a brincadeira livre, fica em segundo plano no planejamento do professor, que acaba direcionando sua prática além daquilo que é considerado o ideal, realizando então uma aula totalmente direcionada e pensada através da visão do professor, e não da criança. Assim sendo, pode-se dizer que, em muitos momentos, há uma escolarização da infância, e de acordo com Mello:

E essa escolarização precoce ocupa o tempo da criança na escola e toma o lugar da brincadeira, do faz de conta, da expressão por meio de diferentes linguagens, da conversa em pequenos grupos quando as crianças comentam experiências e conferem os significados que atribuem às situações vividas. Para esses pais e professores, quanto mais cedo a criança é introduzida de modo sistemático nas

práticas de escrita, melhor a qualidade da escola na infância. Essa prática de antecipação da escolarização sustenta-se na ideia de que quanto mais cedo a criança se transformar em escolar e quanto mais cedo se apropriar da escrita, maiores suas possibilidades de sucesso na escola da vida, e maior o progresso tecnológico do país. (2014, p.22)

Vygotsky (1991) trata a brincadeira das crianças como uma esfera de atividades que unem os gestos à linguagem escrita. Na brincadeira, os objetos podem representar outros, substituindo-os e tornando-se seus signos, independentemente do grau de similaridade entre a coisa com que se brinca e o objeto imaginado, pois o mais importante é a possibilidade de executar com eles o gesto de representação.

Além disso, o autor percebe e aponta a inerente relação entre a representação por gestos e a representação por desenhos, observando que crianças, de cinco anos de idade por exemplo, são capazes de representar simbólica e graficamente por meio de gestos. Desta forma, ele compreende a brincadeira e o desenho como aspectos fundamentais e vitais para a apropriação da linguagem escrita.

Ressalta-se, então, a importância que o desenho tem nesse amplo processo, pois é por meio dele, que a criança cria e recria individualmente formas expressivas e representativas, integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade. Como possibilidade de brincar, de falar, de registrar, o desenho marca o desenvolvimento da infância. Como podemos ver:

Assim, a criança, ao longo da idade pré-escolar, com a ajuda do desenho e do faz de conta, vai tornando mais elaborado o modo como utiliza as diferentes formas de representação. Dessa maneira, entende-se que a representação simbólica no faz de conta e no desenho é uma etapa anterior e uma forma de linguagem que leva à linguagem escrita: desenho e faz de conta compõem uma linha única do desenvolvimento que leva do gesto – a forma mais inicial da comunicação – às formas superiores da linguagem escrita. Essa forma superior da linguagem escrita deve ser entendida como o momento em que o elemento intermediário entre a realidade e a escrita – a linguagem oral – desaparece e a escrita se torna diretamente simbólica, ou seja, percebida como uma forma de representação direta da realidade. (MELLO, 2014, p.25)

Desta forma, se quisermos que as crianças se apropriem e se utilizem efetivamente da escrita – não de forma mecânica, mas como uma linguagem de expressão e de conhecimento do mundo - , precisamos garantir que elas se utilizem profundamente da brincadeira, do faz de conta e do desenho livre, vividos ambos como forma de expressão e de atribuição pessoal de significado àquilo que a criança vai conhecendo no mundo da cultura e da natureza.

Outras práticas alfabetizadoras que merecem destaque nas escolas da infância, são a exploração das histórias, a leitura literária e o trabalho com diversos portadores de texto, pois são nestes recursos que a escrita aparece fortemente presente, recursos, estes, que, muitas vezes, acabam sendo desprezados no planejamento pedagógico do professor. Diante isso, Teberosky nos diz que:

Esses portadores e suportes representam tipos de escrito: rótulos, cartazes, placas, livros, jornais, dicionários, cartas, enciclopédias, etc. Esses tipos de escrito apresentam, por sua vez, diferentes tipos de texto: contos, notícias, instruções, definições, identificações, etc. Precisamente por esse motivo, o material da escola de educação infantil não deveria limitar-se aos escritos escolares, mas deveria explorar os espaços escritos nas ruas e nos bairros, os espaços domésticos e familiares, que permitem uma primeira iniciação às diversas funções da escrita. (2003, p.84)

Ao ler/contar uma história para a criança, além de explorar diferentes suportes e a função social da escrita, a criança vai desenvolvendo sua capacidade de ouvir, capacidade esta que em muitos momentos é desconsiderada. Ouvir histórias, então, desenvolve uma enorme capacidade de imaginação, e se a criança tiver essa capacidade desenvolvida, ela poderá responder às várias situações que forem surgindo durante o seu dia a dia. Além disso, a criança ao ouvir histórias também vai internalizando e compreendendo, progressivamente, o funcionamento da escrita.

Concomitante a isso, a criança começa a sentir a leitura como algo familiar, e aos poucos, a linguagem, o ritmo em que a história é apresentada, os sons que são transmitidos, tudo isso entra no universo da criança como algo belo, sensível e agradável, fazendo com que ela sinta o desejo de aprender a ler, pois segundo Teberosky, “é importante que, na escola, o mundo da escrita se complete com o mundo dos livros” (2003, p.85).

Em suma, vivenciando práticas de leitura, mediada pelos adultos ou por seus pares, as crianças ampliam suas experiências alfabetizadoras e seus repertórios textuais, desenvolvendo também estratégias variadas de compressão textual, inserindo-se no mundo da escrita como leitoras, mesmo que ainda não saibam ler de forma autônoma, considerando que:

O objetivo de tudo isso é fazer com que a criança aprenda a amar os livros, para que ela desenvolva a curiosidade em descobrir os livros e para que se crie nela, também, uma motivação para aprender a ler, para conhecer; para que, no futuro, tenha a capacidade de introduzir-se neste processo de leitura, o desejo de entrar em contato com esse mundo escrito e também com a criatividade necessária para entrar em contato com as informações. Isso, para nós, é a chave do sucesso na vida. (RIZZOLI, 2014, p. 11)

Ainda, tomando como ponto de partida os estudos existentes no campo da alfabetização, podemos acrescentar mais um elemento que a Educação Infantil precisa propor e considerar em seu dia a dia, que é a escrita espontânea. O trabalho com a escrita espontânea, em síntese, relaciona-se com a leitura e escrita, deixando um espaço “livre” para a criança poder expor seu pensamento e criar oportunidades para a escrita de forma prazerosa, fugindo então dos modos tradicionais de preenchimento de linhas, repetição de letras, palavras ou frases, aspectos estes que são característicos de uma prática pedagógica tradicional e equivocada.

Como podemos ver, de acordo com a afirmação de Corsino,

Não há dúvida de que não é mais possível olhar as produções escritas das crianças sem ver as tentativas de aproximação e de apropriação da linguagem escrita. Cabe à Educação Infantil se valer das contribuições das pesquisas e criar situações significativas de leitura e produção de texto, nas quais as crianças possam escrever de forma espontânea, revelar seus pensamentos e hipóteses e confrontá-los com informações e convenções, em processos interlocutivos. A professora exerce um papel fundamental nesses processos, não apenas por ter domínio da escrita, mas também por poder elaborar perguntas que favoreçam o confronto, que questionem as hipóteses, que façam as crianças pensar. (2016, p. 42)

É na escrita espontânea que a criança vai sistematizando e representando seu conhecimento, suas vivências e suas aprendizagens. Ela vai produzindo, elaborando hipóteses de escritas, traçando também as primeiras formas da escrita, que é considerada um sistema de representação, tornando, assim, este aprendizado prazeroso.

Além disso, afim de que a criança se aproprie da linguagem escrita de modo significativo, é necessário que ela participe de situações onde a escrita adquira significações. Para que isso ocorra, o professor deve valorizar as produções e sistematizações orais da criança. Surge, então, o papel do professor como escriba, uma vez que “quando o professor desempenha o papel de escriba, a criança aprende a participar como produtora de textos, aprende a ditar para que o outro produza um texto escrito” (TEBEROSKY, 2003, p. 122).

Além do mais, para Corsino

Cabe iniciar afirmando que a criança começa a produzir texto/discurso nas marcas que imprime com o próprio corpo, nos gestos indicativos, nas expressões corporais e dramatizações, no traçado dos desenhos, símbolos e letras, no trabalho com as artes visuais – pinturas, colagens e modelagens –, na criação de textos orais a partir de imagens e situações vividas, observadas ou imaginadas e na possibilidade de ditar esses textos, buscando a melhor forma de articular o discurso que pretende proferir, para um escriba transcrever ou para ela própria tentar fazê-lo, ainda que de forma

não convencional. A criança conhece alguns usos e convenções da escrita e produz textos oralmente com esses conhecimentos linguísticos. (2016, p.28).

Sendo assim, por meio da mediação do professor, as crianças podem participar da produção de textos variados (histórias, receitas, cartas, entre outros), propostos em situações reais de comunicação escrita. Pode-se, então, nestes momentos de produção (individual e/ou coletiva), desenvolver estratégias de produções de textos, mobilizando, sistematizando e registrando através da escrita os conhecimentos das crianças.

Nas palavras de Teberosky, “desempenhando o papel de escriba, o professor ajuda as crianças a diferenciar entre dizer e dizer para ser escrito (em termos de conteúdo), a controlar a extensão da emissão ditada, a repetir de forma literal, a recuperar a ordem sequencial da emissão, a diferenciar entre o “já escrito” e o que “ainda não está escrito”, enfim, a ajustar o oral e escrito” (2003, p. 123).

Perante tais discussões e vivências pedagógicas alfabetizadoras apresentadas, abre-se o diálogo entre a alfabetização e a Educação Infantil. Ao se abrir este diálogo, torna-se possível então, a oportunização de espaço para novos conhecimentos, práticas e aprendizagens significativas no que se refere ao processo de alfabetização das crianças.

### **Considerações Finais**

Quando discutimos o papel e importância da Educação Infantil no processo de alfabetização, percebemos que ainda temos muito a evoluir e a aprender. Primeiramente, devemos conceber a criança como protagonista de suas aprendizagens e produtora de cultura, e não simplesmente como um sujeito sem uma bagagem de conhecimentos e de potencialidades.

Com tais apontamentos e destaques, torna-se evidente que precisamos desconstruir algumas de nossas concepções para que haja uma reconstrução de conhecimentos que norteiam nossa prática pedagógica em sala de aula, buscando diminuir os equívocos pedagógicos que se encontram dentro do contexto escolar das escolas da infância, principalmente no que se refere a aquisição da língua escrita.

Assim sendo, cada instituição e cada professor de Educação Infantil necessitam ter clareza sobre quais são as suas expectativas e compromissos sobre a apropriação da leitura e da escrita pelas crianças. Deve-se ter clareza de que lugar esse tema assume dentro das salas

de aula da infância, compreendendo que a alfabetização é um processo que nunca termina, pois a todo momento somos instados a pensar sobre a linguagem escrita.

Constata-se, então, que cada etapa da educação, bem como todos os envolvidos neste processo, possui compromisso com a aprendizagem da criança, pois as competências de ler, escrever, interpretar, representar e compreender a cultura escrita são necessárias em todos os âmbitos da sociedade.

Deste modo, torna-se notório que as escolas da infância possuem sim um compromisso com o a alfabetização da criança, visto que, esta etapa de ensino deve ser carregada de vivências ricas, significativas e potencializadoras de aprendizagens, e não somente do treino mecânico do traçado das letras e dos números, posto que, como já evidenciado, compreender a aquisição da língua escrita como uma simples codificação e decodificação de um código, mantém-se uma visão e postura tradicional e mecânica do processo de alfabetização.

Dando espaço para as verdadeiras e significativas vivências e práticas alfabetizadoras que esta primeira etapa da Educação Básica pode e deve proporcionar às crianças, daremos espaço para a construção de suportes que a auxiliarão durante todo o seu processo de aprendizagem, sem adiantar ou tratar os conteúdos e vivências de forma mecânica e descontextualizada, construindo, assim, as bases e alicerces para o aprendizado contínuo da criança.

Se estas bases e alicerces não estiverem bem estruturados, em algum momento, a criança poderá sentir dificuldades para avançar em seu aprendizado ou em participar ativamente da cultura escrita.

## **Referências**

BLOG PENSAR A EDUCAÇÃO. *Às professoras da Educação Infantil*. Disponível em <<http://pensaraeducacao.com.br/blogpensaraeducacao/wp-content/uploads/sites/6/2018/02/carta-a%CC%80s-prof-projeto-leitura-escrita-EI-1.pdf>>. Acesso em 22/10/2019.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CORSINO, Patrícia. *Leitura e escrita na educação infantil: concepções e implicações pedagógicas*. In: MEC/SEB. *Crianças como leitoras e autoras*. 2016.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

DICKEL, Adriana. *Práticas pedagógicas em língua portuguesa e literatura: espaço, tempo e corporeidade*. Porto Alegre: Edelbra. 2016.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Crianças e cultura escrita*. In: MEC/SEB. *Linguagem oral e escrita na educação infantil: práticas e interações*. 2016.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa*. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei T. (Org.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

HORN, Cláudia Inês. *Pedagogia do Brincar*. 2.ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014.

JUNIOR, José Contini. *A concepção do sistema alfabético por crianças em idade pré-escolar*. In: KATO, Mary Aizawa. *A concepção da Escrita pela criança*. Campinas: Pontes, 2010.

MELLO, Suely Amaral. *O processo de aquisição da escrita na Educação Infantil, contribuições de Vygotsky*. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. *Linguagens infantis e outras formas de leitura*. Campinas: Autores Associados, 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil*. 2010.

RIBEIRO, Bruno Alvarenga. *O valor da pesquisa bibliográfica*. 2012. Disponível em: <<http://cafe-com-ciencia.blogspot.com.br/2012/06/o-valor-da-pesquisa-bibliografica.html>>. Acesso em 04 de abr. de 2019.

RIZZOLI, Maria Cristina. *Literatura com letras e sem letras na educação infantil do norte da Itália*. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. *Linguagens infantis e outras formas de leitura*. Campinas: Autores Associados, 2014.



TEBEROSKY, Ana. *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Porto Alegre: Artmed. 2003.